PROGRAMMA

PARA O

III TOMO

DA

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

A REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE — *no III volume, em que brevemente vae entrar* — continuará a ser redigida por ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, e collaborada pelos mais Illustres SABIOS e LITTERATOS portuguezes. — O seu empenho é ainda o mesmo: — A MAXIMA ILLUSTRAÇÃO EM TODOS OS GENEROS; — NO TOCANTE ÁS COMMODIDADES CORPORAES, AOS GOZOS DO ESPIRITO, AO APERFEIÇOAMENTO DO CORAÇÃO.

A Primeira Parte, sob o titulo de *Conhecimentos Uteis* encerrará como até agora, breve mas claramente expostos, todos os inventos ou melhoramentos recentes, que, n'esta ou n'outras terras do Mundo, forem apparecendo. A *Agricultura* e a *Industria* serão sempre as preferidas; mas com ellas irão a *Medicina*, a *Cirurgia*, a *Mathematica*, todos os varios ramos das *Sciencias naturaes*, a *Philosophia* politica, moral, e religiosa, as *Bellas-Artes etc.* — Sob o titulo de *Variedades* conterá a segunda parte, *Historia Patria*, *Novellas Portuguezas*, *Archeologia* ainda estrangeira, e *Critica* assim moral, como litteraria, e artistica. A terceira, sob a epigraphe *Noticias*, os acontecimentos capitaes, que na semana se houverem sabido de outros reinos, o resumo dos actos-officiaes do nosso Governo, e todos os factos ou successos, fóra do commum, occorridos em Lisboa ou nas Provincias.

A linguagem da Redacção forcejará por não deslisar nunca da nativa, abundante e graciosa singelez dos nossos maiores; por modo, que ainda os que n'esta leitura só vierem procurar instrucção ou desenfado, vão insensivelmente ganhando o bom costume de serem Portuguezes no fallar. Quem tiver seguido até hoje a REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, não nos acoimará de promettedores vãos. Em tudo isto damos o passado por fiador do nosso futuro.

Preço das assignaturas —	12 numeros por	600 réis.
	24 »	1$200 »
	48 »	2$400 »

O importe das assignaturas deve ser, ou pago no ESCRIPTORIO DA ADMINISTRAÇÃO EM LISBOA, CALÇADA DO DUQUE N.° 68, ou remettido com a declaração do nome e direcção do Subscriptor pelo Seguro do Correio, ou em Lettra sobre Lisboa, em carta franca de porte.

A Redacção publica qualquer noticia ou artigo interessante e decentemente escripto, com ou sem nome de Auctor, segundo se desejar.

Todos os *Inventores*, *Auctores*, ou outros que desejarem fazer conhecer ao publico *máchinas*, *livros*, *sementes*, *plantas*, *objectos de arte*, *medicamentos etc.* poderão mandal-os para o Escriptorio da REVISTA UNIVERSAL, annunciando-se e descrevendo-se (se o merecerem) no jornal e gratuitamente.

Muito se agradecem as noticias de acontecimentos notaveis.

Deve ser remettida a correspondencia, franca de porte, ao *Administrador da* REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE *Manuel Maria Correa Seabra, Calçada do Duque N.° 68 — 1.° andar.*

O 1.° Numero do III Tomo sairá no dia 24 de Agosto, e assim successivamente os outros em todas as Quintas-feiras.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ASSUCAR DA NOSSA TERRA.

(Carta.)

1985 Rogo-lhe o obsequio de me explicar, se souber, o processo para a extracção do assucar da abobora, raiz da abrótea e cana do milho.

Já fiz a primeira experiencia na abobora, e saí mal; mas sem esmorecer, vou repetir e emendar; a abrótea já a mandei apanhar; para o primeiro experimento veremos o que sae; e quanto á cana do milho, estou esperando que amadureça para aproveitar o grão, e do que resultar darei parte.

A abobora n'este Algarve, é preciosa por sua doçura, a abrótea é abundante e facil de colher, e o milho, deverá ser mais sacarino, pelo clima do Algarve ser mais análogo ao dos Tropicos, e por isso vou por mim só fazer as experiencias, sem esmorecer com os êrros passados, esperando ao mesmo tempo as explicações que peço a V.

De V. etc.

José Joaquim Ramalho.

Faro 1 de agosto de 1843.

Supplicamos a quem tiver os necessarios conhecimentos na materia nol-os communique, para serem publicados na *Revista Universal Lisbonense*, a fim de satisfazer o louvavel empenho do correspondente, e espertar a curiosidade de outros agricultores, para que o imitem.

TECHNOLOGIA.

NODOAS.

(Continuado do artigo 1724.)

1986 Fallámos das nodoas — de algumas substancias que as põem e de outras que as tiram; fallaremos hoje sobre a maneira de applicar estas ultimas substancias.

Seja qual fôr o tecido, que se queira limpar, é necessario primeiro laval-o com agua quente no inverno e tépida no verão: é escusado advertir, que esta agua deve ser da que dissolva bem o sabão. Se o tecido fôr de lã ou seda, depois d'esta lavagem d'agua simples ou com sabão, estende-se sobre uma meza inclinada, e derrama-se-lhe em cima a substancia que se julga necessaria; depois com uma escova algum tanto aspera se faz penetrar bem no tecido até se tirar a nodoa. Quando esta é simples está a operação concluida, tornando a lavar a fazenda umas poucas de vezes e pondo-a a enxugar.

O fel de vacca dá-se como o sabão; deixa-se embeber bem o tecido, e depois lava-se com bastante agua.

Para usar do espirito de terebinthina é preciso que o tecido esteja bem enxuto; depois com uma esponja molhada n'elle esfrega-se a nodoa até a tirar; cobre-se o logar por causa do pó até estar bem enxuto, e escova-se depois sem o lavar.

As nodoas de azeite, gordura e sebo tiram-se perfeitamente com este methodo simples. Pega-se em cinco ou seis brazas do tamanho de uma noz, mettem-se dentro de um panno bem limpo, que se molha primeiro espremendo-o depois na mão, estende-se o tecido ennodoado em cima da meza sobre uma toalha bem limpa em quatro dobras, pega-se pelas pontas no panno que tem as brazas e põe-se em cima das nodoas, depois tira-se e torna-se a pôr successivamente por dez ou doze vezes, carregando levemente. Se a nodoa é muito grande a gordura repassa o tecido e vae á toalha; é necessario então ir mudando esta para que a nodoa assente sempre em logar limpo.

Quando as nodoas são em fato de lã deve-se este bater primeiro com uma vara, e então as nodoas vão apparecendo melhor; dá-se-lhe com sabão branco secco por cima para melhor as distinguir, esfregam-se depois com fel de vacca, como já disse, e por ultimo dá-se uma lavagem em todo o vestido com uma escova molhada n'uma mistura de oito partes de agua e uma de fel de vacca, escovando com força ao correr do pello.

Esta operação deve-se fazer na meza inclinada; e emquanto o vestido está molhado puxa-se muito bem em todas as direcções quando se escova, para que não fique em prégas: põe-se a enxugar dependurado á sombra, e quando está enxuto escova-se outra vez.

Uma farda, ou qualquer outro vestuario, que tenha em si tecidos de diversas côres, deve ser descosido, e tirar-se-lhe os botões sendo de metal.

As nodoas de alcatrão, de verniz, de tincta de oleo, etc. que estão muito seccas, teem necessidade de ser embrandecidas, com manteiga fresca, para se poderem tirar: quando estão sufficientemente brandas, estende-se-lhes por cima a *massa de limpar*, por tantas vezes quantas fôr preciso para a nodoa caír de todo, sem ser necessario molhar todo o vestuario como aconteceria com o fel de vacca.

O panno escarlata apresenta suas difficuldades na maneira de lhe tirar as nodoas, de que é conveniente dizermos alguma coisa. O fel de vacca deixa-lhe umas manchas escuras, que são, propriamente fallando, uma variação na côr para carmezim avinhado; mas estas manchas tiram-se facilmente: quando o panno está secco espreme-se çumo de limão em cima d'ellas, e se da primeira ou segunda vez não desapparecem, rapa-se o amarello da casca do limão, e põe-se sobre todas as que resistiram á primeira operação, carregando-lhe com a mão: deixa-se estar por tres ou quatro dias, depois quando está já secco tira-se com um cardo.

Tambem acontece varias vezes em consequencia das operações para tirar as nodoas, que o pello do veludo se amassa, e empasta, o que produz muito máu effeito á vista; para o tornar a levantar usaremos de uma chapa de cobre posta em cima de uma grélha ao brazido, molha-se um panno que se estende em cima da chapa de cobre, e sobre este panno põe-se o veludo bem estendido; depois com uma escova, vae-se levantando o pello a pouco e pouco com delicadeza. Os vapores da agua, que o calôr faz saír do panno, é que facilitam esta operação.

N'outro numero d'este jornal darei a receita da *massa de limpar*, de liquidos e outras substancias para se tornar o lustre á seda e ás fitas que o perderam pela operação de se lhes tirarem nodoas.

Silva Leal.

O PHOTOGRAPHO (DAGUERREOTYPO).

1987 Pouco ha que entre nós começaram a resurgir as bellas-artes. Se o seculo actual, (como intendem muitos) lhes não for tão propicio como o de Leão X, ao menos não terão razão de se queixar da sua ten-

dencia, segundo mostra a continua invenção de máchinas, porque esta, longe de lhes ser nociva, favorece-as. Se lhes falta os incentivos d'outras éras, agora até a industria olhou por ellas, e reivindicou a parte que nas suas obras lhe pertencia. O que podér fazer qualquer máchina, não será d'ora em diante tarefa do artista.

O photógrapho foi a paga (se as producções do ingenho se pagam) que a industria deu ás bellas-artes: de haverem estas em todos os tempos feito agradaveis aos olhos os seus productos.

Todas as máchinas absolvem o homem de algum trabalho material. Apartada a intelligencia de todas as distracções, concentra-se no seu verdadeiro elemento, no elemento poetico. O genio artistico, a intelligencia que preside á poesia das fórmas, lucra mais que nenhuma em lhe pouparem o trabalho material, porque na representação d'ellas é que exprime o seu pensamento. E as fórmas que este pensamento reveste, não se encontram reunidas em o natural, o artista, para ajustal-as no seu poema, necessita primeiro de as colher com grande fadiga e consumo de tempo, e depois de tudo isto imperfeitamente as obtem.

O photógrapho veio allivial-o: substitue-o, e com vantagem, em todos os trabalhos, que o desviavam até hoje da sua missão divina.

Para os obter precisa o que se applica ás artes plasticas, conseguir primeiramente a faculdade de representar os contornos do natural com exactidão, e esta difficuldade que elle encontra, não deixa de o desanimar seu tanto. O numero dos que a alcançam não é subido, e d'estes a maior parte á força de teimar com o estudo, é que vencem. Ainda assim, nenhum chega a reproduzir a imagem de um objecto com o rigor do photógrapho. Ainda mais. — Nos objectos de grandes dimensões, cresce a difficuldade de os copiar exactamente, pela impossibilidade de imaginar ao mesmo tempo as suas miudezas, e conservar-lhes as proporções do original, coisas que obrigam o artista a separar operações que tem de fazer proximo do objecto, d'outras para que se requer uma distancia tal que lhe permitta abrangel-o com a vista d'uma vez. A camara obscura, onde a luz opéra aquelle milagre da physica, reduz um quadro vastissimo a pequeno ponto, e traduz alli com a maior precisão possivel o desenho que depois o pintor passa para a téla, dando-lhe vida por meio das tinctas.

Provada a vantagem incontestavel d'esta máchina para operações que ninguem é capaz de fazer tão perfeitas, porque o olho mais exacto fica muito áquem da certeza com que ella reproduz os contornos, tem ainda outra qualidade, que lhe não dá menos valor — é a da rapidez com que opéra. Um artista, que por espaço d'um anno andasse junctando cabedal para sua instrucção, não alcançaria o que a máchina photographica póde fazer n'uma semana, e não teria enthesoirado obra tão desenganada. Mais ainda: — ha coisas complicadissimas, e que não soffrem demora a copiar, e até algumas assás proveitosas ao artista, como são os desenhos anatomicos, que ninguem é capaz de copiar escrupulosamente, e n'um momento, senão o photógrapho.

Em o numero 41 d'este jornal se noticiou, o haver-se achado a final o meio de reproduzir as côres pelo Daguerreotypo; — melhoramento que, se for tão real como se diz, duplica os auxilios, já valiosissimos, que este invento deu ás bellas-artes. Todavia ao annunciar-se um descobrimento, que ía completamente satisfazer a maior parte dos artistas e todas as intelligencias que teem de fé não haver progresso em ramo nenhum, que deixe de ser util, adiantando a sciencia ou auxiliando a arte, e que por isso se deve logo abraçar e aproveitar, ouvimos a pessoas cuja auctoridade póde dar pêso a tal opinião, que a arte ía padecer grande quebra, e talvez descredito com esta invenção, e que era para lamentar, que ella viesse agora, que a arte começava a levantar-se e a caminhar.

Nós porém que tão ardentemente desejamos o progresso, e gloria das artes plasticas; nenhum impenho podéramos tomar mais a seu prol que o de destruir essa opinião tão errada, e, se vingar, mui funesta ao intento de tantos homens illustrados, que hoje lidam por aviventar as bellas-artes no nosso Portugal.

Temos pois demonstrado que a nova máchina photographica, além de nos poder fielmente perpetuar a memoria de muitas preciosidades, possue a inapreciavel vantagem de auxiliar as bellas-artes, e dar-lhe grande impulso — e então n'uma épocha d'estas, que para nós é de renascimento. Se a soubermos approveitar, emvez de causar-nos damnos, nos encherá de riquezas artisticas, e accumulará de gloria a nossa eschóla — porque emquanto se não descubrir um machinismo que *substitua o genio*, nunca este perderá o seu esplendor.

Estas verdades conheceu-as bem a illustre sociedade publicadora do *Jornal das Bellas-Artes* — a qual propondo-se reproduzir escrupulosamente alguns quadros do nosso riquissimo pintor Grão-Vasco, empregou na copia d'elles o photógrapho, cuja perfeição na parte que diz respeito á exactidão dos contornos, é cabal: o que dá a essas copias tal confiança, que nos paizes onde o *Jornal das Bellas-Artes* for annunciar o valor d'aquelle nosso eximio artista, ninguem porá a minima duvida em nos reconhecer mais uma gloria — a das artes de imitação.

Joaquim Antonio Marques.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

MONTE MÓR O VELHO. — VICTORIA DO ABBADE JOÃO.
9, 10, 11, 12, 13 DE AGOSTO.

O' poderosa mão de Deus armada
Contra o infido Moiro, e fementido,
Sejais na terra, e Céo sempre exalçada
Com terno peito, e coração rendido;
Pois tendes a soberba derribada,
Não só *d'este rival torpe e descrido*,
Mas d'outros, egualando com o chão
O poder de Mellique e de Hidalcão.

Antonio de Abreu — Malaca.

1988 Na margem direita do Mondego, a 4 leguas de Coimbra e 3 da Figueira, jaz situada em formoso oiteiro, a célebre villa de *Monte Mór o Velho*. A historia

de sua fundação esconde-se na noite dos tempos, é porém muito vulgar a dos illustres feitos, de que fôra theatro nos primórdios da monarchia. Que n'essas arredadas éras fôra praça de grande conta, o testifica o desvelado empenho com que moiros e christãos procuravam possuil-a; da vastidão e possança de suas fortificações dão ainda testimunho as venerandas ruinas do castello. — São esses montões de pedras desmoronadas as unicas reliquias da gothica fortaleza, derrocada pelo enorme pêso dos seculos; não valeu porém ainda o tempo a anniquillar uma singela tradicção, que incólume tem atravessado os turbilhões dos annos, como desenfadado passeia o cavalleiro arabe pelas vastas planicies de seu paiz resequido.

De todos é conhecida a insigne *Victoria do Abbade João* (*), mas porventura alguem ignorará as luzidas *Festas*, com que em Monte-Mór se celébra o seu anniversario. Alli com toda a fidelidade se reproduzem as varias scenas d'esse drama sanguinolento, representado ha novecentos e noventa e quatro annos; com divertidos jogos se solemnisa tambem o maravilhoso triumpho que dos moiros houvéra o Abbade.

É no mez de agosto em que os ferteis campos de Coimbra estão cobertos de seáras e larga cópia de fructos, deslisando-se-lhes pelo meio o placido Mondego como fita branca por tapête de verdura; tudo n'elles é então vida, tudo movimento, e contínuo lidar. Assoma o suspirado dia 9, todos os trabalhos se interrompem, todos os cuidados se dissipam; despovoám-se as várzeas e leziras, e d'involta com os habitantes de Coimbra e Figueira se apinham na praça de Monte-Mór numerosos ranchos de camponezes e camponezas. É curioso contemplar então aquelles mancebos de carão moreno e olhos scintillantes com faixas vermelhas, e carapuças pyramidaes, encostados a longos cajados, requebrando suas bellas, que procuram azos de mostrar os variegados colêtes, e ricas gargantilhas d'oiro, meneando os largos chapéus enramados de poéjos e perpetuas.

N'uma das extremidades da praça se eleva um castello, que guarnecem poucos soldados christãos, entre os quaes avulta por sua estatura agigantada, alvas e longas barbas, cogúla negra, e brilhante armadura um monge de S. Bento. — Na extremidade opposta estende-se o acampamento dos moiros, sobresaindo a todas a barraca de *Abdala Çuleima*, mimoso pupíllo do Abbade, que desertando para *Abderramen*, e renegando, vem á frente do exercito agarêno pagar em moéda de ferro os beneficios que recebêra. — Ouve-se o signal do combate, e lá se abalam os sarracenos contra o castello; ahi se trava bem renhido: recuam os inimigos do nome christão, e quantas vezes avançam tantas são rechaçados, até que vencidos da porfiosa resistencia se recolhem ao acampamento. Breve pausa de descanço, e ao castello se dá novo assalto; com a mesma resistencia, com o mesmo ardimento são recebidos os barbaros. *Çuleima* reconhecendo o diminuto numero dos pelèjadores christãos, cortados de fadigas e penuria, crê obterá por capitulação a posse do castello; manda recolher sua gente, e envia ao Abbade o mensageiro da proposta, mas o Abbade lhe nega audiencia. Mais tarde é mandado com um pergaminho, que de longe mostra aos soldados; abrem-se-lhe então as portas do castello, e ao entrar se lhe vendam os olhos. O que ahi vae escripto não ha sabel-o, vê-se porém passado pouco tempo correr o Abbade por juncto das amêas, e rasgar enfurecido em miudos pedaços a carta de *Çuleima*. Advertiu um historiador romano, que nada valia a íra quando falleciam as forças, e as do Abbade e seus soldados, amesquinhados por todo o genero de privações, mal os sustinham em pé. É n'esta grave conjunctura que o monge os reune, e assim lhes falla:

«Chegou finalmente a hora, fieis e valorosos compa-«nheiros, em que havemos de render-nos, ou perecer «de fome. Cinco annos ha que temos sustentado o «presidio d'este castello apesar de tantos e tão innu-«meraveis barbaros, que infamam, e innundam, mais «que o Mondego, as dilatadas planicies d'estes cam-«pos, em que tem sido tantas nossas victorias co-«mo os seus combates; mas o que não póde conse-«guir a contumacia agarêna, consegue hoje a miseria, «e a mesma sujeição da natureza, reduzindo-nos a fal-«ta de mantimentos a sacrificarmos o esforço do espi-«rito á debilidade do corpo, a convertermos o trium-«pho em despojos, que parece não termos alcançado «tantas victorias senão para ser agora maior nossa de «sesperação.»

«¿De que me póde servir representar-vos os poucos «defensores com que nos achamos, que estão enfra-«quecidos os alentos, exhaustos os víveres? ¿Que sol-«dado conheceis no recinto d'este castello, que se não «veja afflicto, e enfermo? ¿Que faremos em tão gran-«de aperto, porventura tomaremos a funesta resolu-«ção de nos entregarmos? ¿Quem haverá que consinta «n'esta inesperada covardia? ¿Algum de vós terá va-«lor para vêr as egrejas que guardam estas muralhas «convertidas em mesquitas, para tolerar que as infa-«mes estatuas de Mafoma se ponham n'aquelles alta-«res, em que se adoram as sagradas imagens de Chris-«to, e de sua Mãe Sanctissima?»

«¿Que remedio porém descobrireis n'esta funesta ca-«lamidade? Sairemos ao campo a lançarmo-nos como «bravos e famintos leões sobre essa horrorosa chusma «de moiros. ¿Mas qual de nós imagina, por mais in-«trepida que seja sua heroicidade, que possamos aba-«ter com o nosso braço tanta immensidade de esqua-«drões furiosos? Bem sei que venderemos caras nos-«sas vidas, mas os barbaros hão-de triumphar, não «de nós que conseguiremos uma morte gloriosa, mas «de todas aquellas amadas reliquias que deixarmos «n'este castello. Depois de acabarmos no conflicto, en-«trarão os moiros como tigres ferozes pelas portas d'es-«te presidio, e executarão todas as atrocidades de que «nos teem dado exemplos suas precipitadas irrupções. «¿Que será então de vossas esposas, e vossas filhas? «Servirão a suas concupiscencias e torpezas; vossos «paes acabarão nas masmorras, ou receberão a seita «nefanda.»

«N'esta difficil situação occorre-me um estranho «pensamento, assombrae-vos que assim o pede a no-«vidade, — havemos de passar pelos fios de nossas «mesmas espadas todos os que forem inhabeis para sair «a campo a pelèjar, velhos, mulheres, creanças — «frustrando assim as vantagens que os barbaros pos-«sam tirar de sua victoria. E certos de que aos moiros «não resta mais que acabarem com as nossas vidas, e

(*) Vide Fr. *Bernardo de Brito* — *Chronica de Cister* — Liv. 6.º cap. 27 — *Manuel de Faria etc.*

«então nos metteremos por entre suas formidaveis tro-«pas como feras indomitas. Tão determinado estou «n'este proposito que serei o primeiro que principie «pelas mais amaveis prendas de meu coração, minha «irmã, e meus sobrinhos.»

Recolhe-se o Abbade, e passado algum tempo torna a apparecer e exclama:

«¿Ó Céu, ó coro celeste, ó Deus Immenso, onde ar-«rebataes o meu discurso, que parece se confunde a «piedade com a tyrannia? ¿Ó suavissimas reliquias da «minha alma, poderieis imaginar que eu fosse tão cruel «que empregasse os fios da minha espada nas vossas «innocentes gargantas? ¿Mas onde me transporta a ter-«nura quando mais necessito de fortaleza? Valorosos «soldados confiemos em Deus, que nos ultimos aper-«tos sempre acode com suas clemencias; ninguem cho-«re, ninguem se enterneça. Degolae vossos mesmos «parentes para que a morte fique menos horrivel entre «a furia dos barbaros.»

Desapparecem os soldados, ouvem-se gemidos e choros de creanças, continúa o Abbade:

«Degolastes esposas, paes, e filhos, não receeis «o combate, que aqui tendes vosso General *(aponta «para um crucifixo)*. O mesmo Senhor servirá de Ca-«pitão e de Bandeira, e vos dará esforço. Senhor em «honra de vosso nome ajudae-nos a vingar as vossas «mesmas injurias; vejam-se repetidos os portentos que «obrastes com a Espada de Moysés, Josué, e Gedeão.»

Ao terminar estas palavras sae o Abbade do castello empunhando na mão esquerda um crucifixo, na direita a Espada, e á frente dos seus se precipita sobre o arrayal dos moiros, que desprevinidos e assombrados com o subito accommettimento fogem atropellando-se. O Abbade captiva por sua propria mão a *Çuleima*; a mesma sorte cabe a muitos dos moiros.

É extremo o alvoroço e alarido dos spectadores n'esta occasião. chovem bençãos e flores sobre os christãos, maldicções e pedras sobre os moiros; julgar-se-hia ao vêr tão desatinado furor, que despertára no ânimo dos portuguezes o antigo odio e encarniçamento com que contra elles pelejaram em Ourique e no Salado.

No dia 10 ha solemne funcção de egreja, missa cantada a musica instrumental com o Sanctissimo exposto e sermão; de tarde cantadas vesperas, e recitado segundo sermão sae a procissão. Vem em primeiro logar o alferes da camara com o seu estandarte, as bandeiras dos differentes officios, de lavradores, carpinteiros, alfaiates, etc.; apóz ellas os innocentes degolados na vespera, vestidos d'anjos (a tradição dá-os resuscitados com todas as mais pessoas), uma veneranda matrono no meio de duas formosas donzellas (irmã e sobrinhas do Abbade), os prisioneiros moiros arrastando cadêas, o Abbade, vestido como no dia do combate, levando *Çuleima* á sua direita; seguem-se as confrarias e o clero juncto do pallio sob o qual leva a custodia o parocho de uma das freguezias; rematando a camara municipal este respeitavel préstito.

Os dias 11, 12, e 13 consomem-se em cavalhadas. A praça, que representa um parallelogramo, tem nos seus dois lados menores dois como bosques, d'onde saem duas quadrilhas de cavalleiros, dos mais nobres dos campos de Coimbra; vem montados em soberbos corceis ricamente ajaezados, precedidos de musica conduzida em coches e seges, e azémalas com canas cobertas, cavallos á dextra, etc. etc. dando uma assás formosa e alegre vista á praça, cujas janellas estão armadas de damasco e apinhadas de damas; e corridas de dois em dois suas carreiras se apartam os oito contra os oito, e começam destrissima e airosamente a correr canas, e depois uma escaramuça de dois fios. E o seguinte dia levam os cavalleiros lanças e dardos, correm-se as *cabeças*, seguindo-se uma cavalhada, ou escaramuça de um só fio. No terceiro dia arma-se na praça (onde já deve estar a sortilha) um palanque com tres cadeiras de brocado e um bofete diante coberto, com seu panno de damasco franjado de oiro, sobre o qual em rica salva de prata estão os premios que tres juizes (eleitos d'entre os camaristas ou dos principaes da terra, bem vistos na pratica e especulativa de todas as leis da cavallaria) hão-de distribuir aos cavalleiros, que além de pistolas e espadas vem armados de lanças. O cavalleiro a quem o primeiro premio se adjudica offerece-o á senhora mais principal que se achar na praça, ou ainda fóra d'ella, á qual incumbe trazel-o ao peito publicamente emquanto duram as Festas; os mais cavalleiros offerecem-n'os ás damas de seus pensamentos. Depois d'este acto que se faz com grande magestade e concêrto segue-se uma escaramuça de um só fio.

¡Restos venerandos das crenças das primeiras edades, dos puros costumes dos antigos tempos, em que a divisa dos cavalleiros christãos era *Deus, minha dama e meu Rei* folgamos de vos vêr ainda arreigados em peitos portuguezes! O homem d'estes seculos illustrados duvída primeiramente do seu Deus, tem pouca confiança em sua dama, e apenas reconhece o seu rei.

Seriamos demasiadamente extensos se particularisassemos todo o genero de divertimentos d'estes dias; lançámos ahi apenas um esboço; tambem deixâmos ao leitor as reflexões que naturalmente occorrem ao contemplar scenas tão ricas de poesia. Este publico regosijo, este unanime accordo em celebrar por tão faustoso (**) modo a memoria d'um successo remoto, certo que é grave documento contra os que julgam degenerado o caracter portuguez. Homens, que assim presam os feitos de seus maiores, que d'elles fazem pelo espaço de dez seculos commemoração tão solemne, deverão ter um coração nobre e generoso; nem será mister para os incender no amor da patria mostrar-lhes estatuas de heroes, como era d'uso entre romanos.

R. de Gusmão.

INCENDIO DO HOSPITAL REAL DE TODOS OS SANCTOS.

10 *de Agosto de* 1750.

1989 Pelas duas horas da madrugada d'este dia pegou o fogo em uma casa, onde se aquentava agua para os banhos dos doidos, que ficava no centro do hospital. Cresceu de tal sorte o incendio por espaço de 48 horas, que reduziu a cinzas todas as enfermarias, officinas, casa da fazenda, armazens, roda dos engeitados e egreja; pondo a sua voracidade em susto ao convento de S. Domingos, ao palacio do marquez de Cascaes, e a todas as propriedades circumvisinhas. N'esta occasião mostraram grandissima charidade os padres de S. Pedro de Alcantara, que depois de con-

(**) Por uma provisão da rainha D. Maria I se ordenava ao provedor da comarca abonasse todas as despezas d'estas Festas, para as quaes se applicava ainda um imposto municipal.

duzirem o Sanctissimo para a egreja de S. Domingos, acodiram a tirar os doentes, e depois ao movel, a que o temor e a violencia fez o maior estrago. Os padres de S. Domingos trouxeram as suas proprias camas, e pondo-as na egreja fizeram coxias, e com toda a charidade accommodaram as doentes, e os homens os accommodaram no interior do convento, em cujo disvello e amor de Deus se excitaram todas as religiões, e infinitos seculares, administrando-lhes quanto era preciso. Ao jantar acodiu a piedade dos fieis com quantidade de gallinhas, pão, doces, etc. Ao mesmo tempo se occupava muita parte do povo em reparar o fogo, que, por se applicar a gente na extracção dos doentes, e movel das propriedades, se ateou de sorte, que parecia quasi impossivel a sua extincção.

De tarde mandou S. M. acodir com os remedios, que pedia tão lamentavel estrago, ordenando que os doentes fossem para o convento do Desterro de religiosos Bernardos, que pela sua grandeza e bom sitio se fazia propria accommodação. N'elle se achavam só 8 padres, e estes duvidaram da accommodação, e mandou S. M. segundo aviso que os pozessem fóra, e fossem para S. Bento, de quem eram irmãos; e se houveram com tanta avareza que até lume negaram n'aquella noite. No Destêrro estiveram os doentes até ao anno de 1751, em que voltaram para a enfermaria de S. Camillo, que foi a que sómente escapou de todo o hospital. — O provedor da misericordia, conde de Valladares, com forças mais que humanas tinha conduzido muitos doentes, confortando-os com caldos, e animando-os com o seu exemplo e virtude; acções, que fizeram no povo uma grande impressão: ordenando logo a conducção dos doentes com assistencia dos seus enfermeiros, cirurgiões, e medicos. Toda a nobreza mandou pôr promptas as suas carruagens para a conducção dos doentes, e houve um fidalgo particular, como foi Fernando Freire, que levou para sua casa mais de vinte enfermos, a quem curou com grande disvello e charidade. — Para que se não seguisse a perda das almas de alguns innocentes, que se costumam pôr na roda dos engeitados a todos os instantes, mandou S. M. que fizessem conduzir todas as amas e engeitados para o seu palacio, que foi do conde da Ribeira; pondo-se de tarde editaes a toda a pressa para que os houvessem de levar ao dicto sitio. — No dia 11 ainda continuava o incendio, mas com menos voracidade, supposto que com o mesmo trabalho. Pelas nove horas da manhã mandou o Cardeal Patriarcha 300 gallinhas, 300 pães, e 100 arrateis de doce de esmola aos enfermos; e foi tão poderoso este exemplo, que muitas communidades de freiras e pessoas particulares repartiram com grandeza do que possuiam com governo.

Tirado de um manuscripto da Bibliotheca de Evora.

NEM ANJO, NEM DEMONIO.

II.

1990 — Não te quero contar um conto; ¡ Deus me livre! demais sou já velha, e muito velha: e n'esta edade esquece tudo, filha; tudo, menos desgraças que apertam o coração se nos lembram, e lembram sempre: ¡ nunca tu saibas o que isso custa! . . .

— Então, avó; ¿ d'esta vez conta-me a historia dos tres retratos, não conta? . . . sei . . . . não sei . . . . adivinho que ha-de ter coisas raras. . . .

— Raras que ellas foram, neta, bem raras; e de chorar tambem: eras ainda muito creança então, de berço; e n'essas edades não se sente nada — o menino e a ave ri e chora ao mesmo tempo: é o mez de Abril com os chuveiros e a restea de sol logo depois; ¡ mas os outros! . . .

— ¿ Avó? ¿ em que terra foi isso?

— ¡ Em que terra havia de ser, minha neta! n'esta em que estamos; em Lisboa: ¡ duas passadas d'aqui! . . . ¡ É uma dôr que me atravessa o peito, que me espedaça a alma, quando entro a parafusar n'isto! ¡ Cumpra-se a vontade de Deus, que se lhe ha-de fazer, se não tem remedio!

E a velha limpou com as costas da mão uma lagrima que lhe tremia na palpebra: puxou para si a roca e o fuzo volteou-lhe com rapidez entre os dedos por um movimento convulso.

Sentada na poltrona de coiro preto cravejada de pregaria amarella, com as tranças alvas como o linho da sua estriga, levemente acurvada para diante, a côr macilenta das faces, a testa alta e nobre sulcada de rugas profundas, os olhos espertos sim, mas embaciados, o portamento donnoso, certos modos, certo mover de labios, o arquear do sobrolho: incidentes quasi imperceptiveis para quem passa pelo mundo sem analyse, sem estudo do grande livro da vida, de que é cada homem uma folha solta; mas que tem uma escripta, um segredo, como o mytho architectonico da meia edade para quem sabe lêr n'um relance os characteres, que o volcão das paixões estampou no rosto de mais serena apparencia — para quem debaixo da calma fingida das feições, attenta no pégo revolto d'essas ondas do pensamento, que abrem um leito cavado e se espraiam pela fronte — para quem póde e ousa descer só ao seio íntimo e contar as pulsações do coração, que arfa a pulos, e da arteria, que bate rapida emquanto o rugir da procella da alma, para o que não vê nada, foge, pela face immovel, como o véu nevoento ao levantar do sol corre sacudido pelos tezos e se acama nas gargantas dos valles — no peito um mar de fogo a queimar tudo, e o aspecto frio de gelo, como sepulchro que é d'aquelle espirito ulcerado! . . .

Ha d'estas agonias assim: e ninguem as doe, porque não saltam aos olhos, não se assopram á vista: estão selladas no peito, nem as sabe a bocca: ¿ para quê? Um suspiro, quando o martyrio corta até ao vivo; uma lagrima, quando o coração estalla, e um riso pallido que dilacera, são os indicios, que revelam esse agonisar perenne.

Um dia, aquella alma farta já de tribulações quebra o vaso, e entorna-se no seio de Deus; morreu, lá foi a enterrar: era um sancto, um anjo, dizem os outros por ahi: deitam-lhe dois punhados de terra por cima, dão-lhe um lençol de esmola, por vergonha de dizer que não, ¡ e acabou-se tudo! Esquece logo, não lembra mais: ¡ tambem! ¡ faziam mal! ¿ de que serviam ao triste prantos e suspiros? As estações podem passar, o temporal revolver a terra, e os homens sorrir, que os não sentirá mais o adormecido no seu catre de pedra; aquelle porto não tem tormentas: descançou.

E o recordar da dôr foi a idéa, que n'aquelle mo-

mento espremiu dos olhos seccos da velha — mortos já para a luz e para a vida — uma lagrima ardente tão sentida! ¡ Misterios do coração, espinhos que pungem silenciosos, que matam sem um bradar alto da victima! Só ella o sabia, mas callava o padecer: não tinha talvez palavras que o pintassem; ¡ e n'aquelles annos é tão estranho o chorar! ¡ arrancar lagrimas de um cadaver que o é quasi a decrepidez!

Juncto d'ella, com o cotovello encostado ao mainel da janella — isto passava pela volta do crepusculo da tarde — uma formosa, uma gentil donzella, de olhos pretos, tão meigos, tão serenos, que n'este reflexo da alma, bem mostrava que o vicejar da vida, nunca um affecto abrazado lh'o crestára, nunca um pensamento doloroso ou o pungir dos remorsos no seu delirio febril lhe escaldaram o peito pela solidão de noite mal dormida: toda vestida em roupas alvas de neve, sem os enfeites e bordados da moda, com um raio de sol a doirar-lhe um lado da face desbotada, e a vista anciosa voltada para o topo da rua, cortada ao longe pelo ligeiro perpassar dos ginetes, e de espaço em espaço um olhar inefavel, que volvia sobre a velha, davam-lhe uma apparencia celeste de anjo ou de creação mais que humana.

O ar innocente, o rosto tão bello, e moldurado nas madeixas soltas em anneis, a bocca tão viva nas rozas como o botão de purpura que apertava entre os dentes brancos de jaspe, aquelle pescoço mollemente arqueado, com a curva graciosa da Venus de Phidias: aeria, fragil nas fórmas que se accusavam indecizas debaixo das pregarias, que se perdiam vaporosamente no seu ondear, como os anjos de Raphael nos esplendores das aureolas, um toque de infancia nas linhas do parecer, um fogo de amor no olhar de virgem, um véu de pureza nas palpebras meio cerradas; o mavioso das feições com o vago e doce sorrir da melancholia, similhavam o typo celeste, que deu o pincel de Corregio á sua madona.

Mas de tempos em tempos corria a mão pela testa, e suffocava nos labios um suspiro, quando ao tropear longinquo de um cavallo á redea larga, que prestes se aproximava, o coração batia aos pulos, e o sentia sem sentir: a cabeça pendeu brandamente para o seio, e por entre os dedos lhe fugiu uma lagrima em fio.

Ora estas duas lagrimas que se misturavam: esse chorar extremo do decrepito, que mede por annos os minutos da existencia, ao pé da mocidade para quem os annos voam como dias; o cadaver mirrado arrastando-se para o sepulchro, o botão em flôr mal descerrada açoitada por aragem travessa, dando as mãos; uma ardendo no sentir de fogo de alma virgem, a outra fria e secca como a esperança que pousa no melancholico cipreste que mal acoberta a loisa do finado; e n'este silencioso tocar duas lagrimas caídas no regaço da morte, nas côres alegres da primavera escondiam um mysterio, que prendia tambem n'um cadaver, e por entre festões e grinaldas enredava nos grilhões d'Armida essa flôr, que se desatára só e esquecida em um recanto do mundo.

Por um espaço a bocca da velha esteve cerrada, e a da donzella nem uma palavra soltou. Foi a velha a primeira quem rompeu esta pausa e atou a conversação, aonde a truncára.

— Aquelle retrato que alli está no meio, entre os dois de homem, era de tua mãe.... bem o sabes: quando te trazia nos braços, quando te acalentava no meu regaço, mostrei-t'o muitas vezes.... ¡ e tu gostavas tanto de o ver!

— ¡ Gostava! ¡ e ainda hoje! ¡ mas está tão triste alli! ¡ tão desmaiada! ¡ aquelles olhos tão pisados! ¡ e o amargo sorrir, que arquêa a bocca! parece que está sustendo as lagrimas....

— Pois era tão bella; talvez mais do que tu: não me fica mal dizel-o, se lhe tinha amor de mãe, a ti, filha creei-te conchegada ao coração, o teu riso de creança era o seu, seu o teu olhar, até na côr dos cabellos te pareces com ella.... filha: Deus te livre de soffrer o que soffreu aquelle anjo cá na terra, o purgatorio, que a purificou.... e a mim tambem: de chorar apagou-se-me a vista: e hoje se tu não fôras.... ¡ filha, filha esta historia é uma licção!

— Bem n'o presentia eu.... ¡ se aquella melancholia do retrato o está dizendo!

— E não diz tudo: ha louquinhas que se enlevam n'uns olhos garços, n'uns ares galantes, n'um sorrir que é escarneo.... ¡ não sabes o que vae pelo mundo! não o sabes ainda; estás muito innocente, nos teus quinze annos, tão séria, tão recolhida! has-de ser sempre a mesma, senão matavas a pobre velha, que ía já por ahi louca varrida, morrer por essa terra de Christo.... não o farias; sei que não....

— ¡ Eu, avó! olhe, segredos não os sei ter, mais val dizer tudo, do que....

— Do que arrepender-se tarde.... pois sim, sim: o coração que tu tens invejo eu; a formosura, essa não ¿ de que me servia? ¡ na minha edade!

— Mas, avó, se....

— ¡ Se, qual se! ¡ falla lisamente! ¡ bem n'a intendo, olhe que vae lá por dentro! se houvesse uma louquinha e uma historia: e ella cheia de pressa que se não salva se a não ouve: e por ahi a um canto uma velha, uma avó, para lhe metter na cabeça essas loucuras dos seus tempos; ¡ e a parar no principio!... Ora diga lá ¿ não é isto? fui moça e bella tambem; sei o que são edades.... estás a arder.... ora ahi vae a historia; chegue-se para mim, minha dona apressada, chegue-se que estou pouco para fallar alto; ¡ isto, filha, vae de galope para a cova!

— ¡ Jesus! ¡ sempre esse fallar na morte! ha-de ser o que Deus quizer; ¡ forte mania! ¡ olhe que é uma tristeza!

— Filha, é o porto aonde temos todos de ir bater, e eu que já sou peccadora antiga, que perigrinei a vida por este valle de lagrimas adiante, vou primeiro, tu depois, é sorte. ¡ Deus queira que não me vás antes de tempo! ¡ andas tão triste, tão quebrada ha dias!...

— Não é nada, avó: não se lembra que a tia freira, que falleceu o anno d'além, dizia muito a miudo: esta é do céu, vae pelo caminho da mãe, não chega a ser mulher: eu sinto cá dentro uma coisa, que me avisa de que cedo me comerá a terra!... é triste acabar tão moça; choro por isso. ¿ Não tenho razão, avó?

— São creancices e pieguices da freira; boa sancta era ella, mas toda de agoiros: ¡ afflige-te por coisas que o valham, não te faltará de quê!...

— ¿ O avó e a historia?

— ¡ Sim a historia! é para calar as rabugens da velha — ora não torne a ter essas imaginações loucas; e vamos á historia.

E a velha espiou a roca, carregou-a, e depois de a encostar, esteve com a face entre os punhos um bom pedaço: depois levantou a cabeça e ía já para começar, quando se ouviu a distancia o galope de um cavallo: a donzella descorou mais e cozeu-se com a janella que dava para a rua. Um engraçado e guapo mancebo parou alli um instante e soltou duas palavras a meia voz, e a donzella sorriu e atirou-lhe o botão de rosa; o cavalleiro debruçou-se, roçou os labios pelos dedos que lh'a offereciam: poz a mão no peito e affastou-se a passo, olhando para traz, lento e melancholico.

— ¿Que é isso? — perguntou a cega — ¿porque parou esse cavallo á nossa janella, Carolina?

— Nada, avó, nada; ¡um estribo que caíu!... ¡uma coisa!... já passou.... lá vae elle!

— Por uma tarde, como esta, um cavallo detevese n'uma rua; uma donzella, como tu, olhou o gentil cavalleiro; amaram-se depois.... e eu aqui como agora.... ella morreu de penosa ¿e elle?... ¡não se sabe onde pára! ¡filha, toma sentido! ha quedas que dão a morte. Vamos á historia.

Carolina soluçava com o rosto entre as mãos. É que a historia era uma prophecia.

A. da C. S.-M.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1991 Resta agora a Hispanha sarar com o balsamo da paz as feridas profundas, que lhe deixou rasgadas em todo o corpo o seu duello com um tyranno. A sabedoria, que se presume no ministerio novo, presidido pelo popularissimo *Lopez*, e o instincto publico da conservação auguram reformas, melhoramentos, progressos, e sobre tudo as indispensaveis condicções de tudo isto: — união, esquecimento, fraternidade. — Desejâmol-o, e esperâmol-o.

A felicidade da Hispanha nem mesmo pelo egoismo nos póde ser indiferente. O ponto negro, que um correspondente de um jornal d'esta cidade, enxergava no horisonte politico, prognosticando temporaes, para quando a estrella de Espartero se acabasse de pôr, não nos mette muito medo. A estrella de Espartero não se pôz, apagou-se: e a Hispanha não dá mostras algumas de querer expôr-se já outra vez a guerras fratricidas.

As fogueiras das cidades esbombardeadas estão ainda allumiando os povos: — não é licção para se esquecer em poucos annos: — e o esbombardeador d'ellas ahi está, com dois ou tres dos seus, prófugo sobre uma amarra ingleza nas aguas do Tejo: — é outra licção e escarmento a ambiciosos. — Não: a Hispanha procederá unanime: interesses insensatos poderão levantar-se aqui ou acolá, mas levantal-a a ella — não.

Na França e nos Estados Unidos formam-se numerosas sociedades para auxiliar com dinheiro, e todo o necessario a resistencia heroica da Irlanda á tyrannia ingleza. A bençam da Providencia favoreça a Irlanda como favoreceu a Hispanha.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1992 *Diario do Governo de 31 de julho.* — Portaria para que os emolumentos dos empregados da alfandega de Ponta-Delgada não recebam duzentos por cento, que n'estes ultimos annos teem recebido, mas sim oitenta por cento como os empregados das alfandegas de Lisboa e Porto. Outra para que o procurador geral da corôa passe ordens aos seus delegados para que no primeiro dia de cada mez enviem ao bibliothecario mór nota de todas as publicações que sairem á luz nos seus districtos.

Idem de 1 de agosto. — Ordem do exercito n.º 28.

Idem de 2. — Portaria ordenando que os officiaes de todas as alfandegas das ilhas, e das alfandegas menores do continente, que assistirem ás arrematações de objectos, que o mar arrojar ás praias, quando se ignorar o navio a que pertencem, e formalisarem os competentes processos, percebam os emolumentos de processo e diligencia designados na tabella dos emolumentos da novissima reforma judiciaria, no titulo 2.º, capitulo 3.º, artigo 6.º, § 1.º — Statistica do mez de julho do supremo tribunal de justiça: autos civeis: entrados de differentes Relações 32: crimes 13. Saídos: concedendo revista, 6; negando-se, 28. Autos civeis e crimes pendentes 764. — Portaria determinando, que o chá e mais generos procedentes de qualquer porto da China, importados em navios nacionaes, devidamente registados, sejam d'ora em diante admittidos nas alfandegas, sujeitos aos mesmos direitos, que pagam os generos, que vem das nossas possessões da Asia em navios nacionaes; aproveitando este beneficio sómente áquellas embarcações, que trouxerem os manifestos legalisados em Macáu. Outra, encarregando a juncta, creada por portaria de 18 d'abril do anno passado, de fixar o sistema geral de administração das provincias ultramarinas, assim como a reforma especial de que carece o estabelecimento de Macáu. — Despeza do ministerio da marinha no mez de julho do corrente anno: 64:332$122 réis. A juncta do credito publico avisa que o pagamento dos juros das inscripções de quatro por cento ha-de principiar no dia 9 do corrente.

Idem de 3. — Ordem de pagamento do mez de junho.

Idem de 4. — Decreto approvando um novo regulamento de 98 artigos para a secretaria de estado dos negocios do reino. A subscripção, aberta em Barcelona para os innundados da Madeira, produziu 24 pêsos fortes.

Idem de 5. — Carta de lei estabelecendo por dez annos a contar do principio do proximo seguinte anno economico, varias contribuições extraordinarias, cujo producto, guardadas as clausulas especificadas na lei, ha-de ser applicado ás obras de communicação; e prescrevendo as regras e os meios porque se ha-de effectuar a lei. Instrucções a todos os governadores civis sobre a lei supra. Portaria regulando o direito que hão-de pagar os feichos e caixas de assucar da Havana e das provincias das Alagoas e Pará.

Idem de 7. — Ordem do exercito n.º 29. Venda de bens nacionaes em Vizeu e Villa Real no valor de 2:363$720 réis.

CONSERVATORIO REAL.

1993 Segunda-feira 7, celebrou o Conservatorio Real da Arte Dramatica a festa annual de S. Caetano, orago da sua capella.

O concurso foi muito e lusido e a solemnidade mui decente. — A missa, *Kirios* e *Gloria*, composição do Sr. *Migóni*, professor de contra-ponto no mesmo estabelecimento, teem sido elogiados pelos da arte e agradaram aos que o não são: — é porque o Sr. *Migóni* possue ingenho, gosto e cultura, e sobre tudo respeita as impreteriveis barreiras que a razão e a philosophia teem levantado entre a musica theatral e ecclesiastica.

O orador foi o Sr. Conego D. *José Maria Corrêa de Lacerda* tambem membro do Conservatorio. Venceu no panigyrico as difficuldades do género com aquelle ingenho e delicado gosto que o distinguem.

Oxalá que o Sancto se não esqueça do seu titulo de *Pae da Divina Providencia* para com um estabelecimento tão util, já tantas vezes ameaçado de destruição.

Os muitos discipulos que entraram na execução, tanto instrumental como vocal, mórmente a Sr.ª D. Clementina, houveram-se perfeitamente.

ELOGIOS FUNEBRES.

1994 Acabaram de saír finalmente a publico os elogios dos Socios fallecidos do Conservatorio Real da

Arte Dramatica, recitados na sessão solemne de 21 de dezembro de 1841. Enchem os dois primeiros folhetos da collecção, que, sob o titulo de *Revista do Conservatorio Real de Lisboa, tomo II — memorias;* se começa a publicar em quarto, aceadamente impresso sob a direcção do Sr. Silva Leal.

Encerra o primeiro folheto os elogios de Ignacio da Costa Quintella por Francisco Adolfo de Varnhagen: — do Conde de Sabugal por José da Silva Mendes Leal-Junior: — de José Ferreira Pinto Basto por José Estevam Coelho de Magalhães: — de Sebastião Xavier Botelho por Alexandre Herculano.

O segundo os de Augusto Frederico de Castilho por Antonio Feliciano de Castilho: — do Marquez de Valença por José Maria Grande: — e do Barão da Ribeira de Sabrosa por João Baptista de Almeida Garrett.

Cada folheto contém 34 paginas: vendem-se na loja da Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1, por 260 rs.

O PAGEM D'ALJUBARROTA.

1995 Terça-feira assistimos no Theatro Normal á primeira representação do PAGEM D'ALJUBARROTA.

Foi plenamente applaudida. O contrario houvéra sido uma vergonha, — para o poeta, não, — para a companhia, tambem, não; — mas para a platéa.

O auctor, os actores, e os spectadores todos d'esta vez se compreenderam mutuamente. Sem este concurso de intelligencias, que raras, bem raras vezes se realisam, não é possivel a arte scénica.

Felicitâmo-nos de ver que o dia dramatico-litterario já alvorece para nós.

DESAGGRAVO NACIONAL.

1996 Sexta-feira 11 realisar-se-ha no theatro de S. Carlos o annunciado beneficio para as filhas de JOAQUIM MACHADO DE CASTRO. Não ha expressões demasiadas para elogiar o zêlo da juncta encarregada de todo este negocio, e a boa vontade, com que todas as pessoas por ella convidadas a contribuir, teem correspondido ao chamamento. Ao producto da récita, que deve ser assás avultado, tem ainda de se accrescentar o de varias offertas já feitas, e duas subscripções segundo se espéra do Porto e de Coimbra, a cujos governadores civis a juncta escreveu, incitando-os a promovel-as. Do Porto como segunda capital do reino, e sem rival em actos de generosidade: de Coimbra como berço que foi do illustre artista. Consta-nos tambem que similhantes convites se fizeram a todas as academias e sociedades scientificas, litterarias e artisticas d'este reino.

EMPREZA NOVA DE S. CARLOS.

1997 *A. G. Lima e Comp.ª*, emprezario. — Director, o sr. *Antonio Porto.*

Companhias escripturadas para serviço do theatro. — *Companhia de canto.* — Mestre ensaiador o Sr. *Francisco Xavier Migoni.* — Primeiras damas *assolutas* as sr.as *J. Rossi Caccia, Jenny Olivier.* — Primeira dama contralto *assoluta Isabel Fabbrica.* — Damas *comprimarias Luiza Datti*, e *Persolli.* — Primeiros tenores *assolutos L. Flavio, Antonio Paterni.* — Segundos tenores *Antonio Piccazzo, Antonio Bruno.* — Primeiros baixos *assolutos Felix Batelli, Valentim Sermattei.* — Primeiro baixo *in genere Lourenço Montemerlli, Jacomo Galoardi.* — Segundos baixos *Antonio Casanova, Caetano Fontana.* — Mestres de córos *Joaquim José da Costa, Jorge Augusto Cesar.*

18 coristas tenores e baixos, e 12 sopranos — Serão elevados em tempo competente ao n.º de 40.

A orchestra é composta de 47 professores, sendo o 1.º rebeca e director da mesma, o Sr. *Caetano Jordani* — director nos bailes, e concertino das operas o sr. *José Maria de Freitas* — 1.º rebeca dos segundos, o Sr. *José Pinto Palma* — concertino das danças, o Sr. *João Archilles Ripamonte* — 1.º violetta, o Sr. *José Gazul* — 1.º violoncello, o Sr. *João Jordani* — 1.º contra baixo, o Sr. *João Alberto Rodrigues Costa* — 1.º clarinete, o Sr. *Gaspar Campos* — 1.º flauta, o Sr. *José Gazul Junior* — 1.º óboé, e corni inglez, o Sr. *Antonio Cottinelli* — 1.º fagote, o Sr. *A. Avilez* — 1.º trompa, o Sr. *João Gazul* — 1.º clarim, e cornetta de chaves, o Sr. *Francisco Pinto* — 1.º trombone, o Sr. *Rorich* e professor de harpa, o Sr. *Caetano Fontana.* — *Companhia de Baile.* — Compositor, *Mr. Carrai.* — Cópia de bailarinos mimicos, os conjuges *Montani.* — Dita de dictos dançantes eschóla franceza, *Mme. Mayvout Mabilli, e Mr. Mabilli.* — Dicta de dicta italiana, *Sr.ª Luiza Romolo, Sr. Francisco Pintauro.*

O corpo de baile é composto de 6 mimicos, e 36 dançantes.

Aderessista, *José Fornari.* — Alfaiate e director do vestuario, *José Diollo.* — Pintores, *Rambois e Cinatti.* — Machinista, *João de Deus.*

Postoque longa seja a seguinte carta, e em grande parte composta de objectos de muito particular interesse, respeitando os sanctos affectos, que a dictaram, não podémos deixar de a publicar inteira e textualmente.

AVISO A PAES E MÃES.

(Carta.)

1998 *Sr. Redactor.* — Mais um aviso aos paes e mães de familias. Rogo a V. o favor de inserir na sua estimavel *Revista Universal Lisbonense* a noticia da triste e desgraçada morte que teve o meu filhinho por nome João, no dia 20 corrente junho, de edade de 4 annos, 5 mezes, e 4 dias, para que ella sirva de cautella a todos, a cujo cargo estão creanças, as quaes uma curiosidade indiscreta leva de ordinario aos maiores perigos. No outono proximo passado mandei começar um poço no quintal das casas de viver para agua de reserva, provinda dos telhados da mesma; em razão das muitas chuvas que vieram n'aquella estação não pôde concluir-se, ficando apenas de 14 a 15 palmos de profundidade: como n'este estado offerecia imminente risco de vida a creanças e animaes domesticos, mandei cobril-o primeiro com madeira, e sobre esta grossas camadas de silvas, e ainda em cima d'estas páus atravessados: depois que veio o verão fez-se uso da agua do poço para regar o quintal e barrellas, abrindo n'um canto do mesmo um pequeno buraco, que se tapava com as mesmas silvas cada vez que servia, e eu nunca me esquecia de o compôr quando o via mal tapado. — No dia 19 pela tarde foi a ultima vez que se fez uso da agua do poço; para melhor a tirar deram os criados mais amplidão ao maldicto buraco, desviando até um páu que o atravessava, que servia de segurança á pequena barda de silvas, que o atravessava: no dia 20 de manhã, sem ter visto nada de novo no dicto poço, saí com segadores para distancia talvez de meia legua: seriam 3 para 4 horas da tarde quando um criado chega, e me diz — diz a senhora que vá já, já para casa, que tem lá uma carta para responder — fiquei logo em grande afflicção, e disse, — porque se me não trouxe essa carta? temos novidade e não boa — apparelha a mulla e vamos — parto — qual carta nem meia carta, dizia comigo pelo caminho.... se o caso fosse de carta minha mulher mandava-a, na fórma do costume — é nova desgraça que tenho a soffrer! — Ah! Sr.

Redactor, e qual não foi a minha aflicção quando ao entrar a porta do carro vi uma multidão de povo que se apinhava na varanda que dá entrada para a casa — então exclamei — ¡ por certo que temos nova desgraça, ... algum de meus filhos se afogou n'aquelle poço! ... Sim (respondeu uma voz do meio da multidão) foi o seu menino que se afogou no poço! ... Aqui rompem as lagrimas em abundancia — as exclamações — todos se esforçam por consolar-me — quero ver o meu filhinho — não me é permittido — só me é licito abraçar minha mulher, que quasi sem sentidos jazia n'uma cama — lagrimas, soluços são sua resposta — e por ultimo exclama — ¡ já não tens filho! — oh! que scena tão triste offereciam estes dois esposos.

Devo fazer honrosa menção do quanto se esforçavam por consolar-nos os Srs. Adriano João d'Araujo, Francisco Antonio de Araujo, sua mana a senhora D. Joaquina, seu primo o Sr. Gonçalo de Sousa Vahia, o parocho d'esta freguezia, e o meu amigo velho o Sr. Antonio Martinho Borges, que todos á porfia faziam todas as diligencias por mitigar nossa dôr.

Minha inconsolavel mulher, assidua e incansavel no exercicio de governar a casa de portas a dentro, depois de haver ministrado o almoço a duas filhinhas que temos, e ao desgraçado e innocente Joãosinho, assentou-se a trabalhar com as meninas, ficando o desgraçado filhinho entretido no quintal, como costumava, ao ponto que lhe foi preciso provar um cazaquinho que estava fazendo para o infeliz menino, manda-o chamar — não apparece — procura-se pela visinhança, inuteis diligencias — procura-se por mais longe, mas debalde, e ninguem dá noticia de o ter visto — começa o pranto de sua afflicta mãe, que em vão chama pelo seu menino — por começar a suspeitar que já não existia — e no meio d'esta aflicção e impaciencia ha quem se lembre de o procurar no maldicto poço.

Feita a primeira tentativa não apparece, e ainda sua afflicta mãe nutre esperanças de tornar a ver com vida o seu querido Joãosinho; mas, ¡ oh! dôr! á segunda apparece o infeliz, o desgraçado menino — era um cadaver!! — Assim acabou a vida áquelle que era a consolação de seu paes, a sua esperança, e que poderia no futuro ser o amparo de suas irmãs, — de seus paes na velhice — aquelle que por sua boa indole e genio docil era a admiração, e merecia os carinhos de todos ..... assim o quer a Providencia Divina .... Agora accrescentarei, Sr. Redactor, que tenho tido muitos e grandes desgostos com as filhilhas: casando a 19 de novembro de 1835, tenho tido 3 filhas, e o chorado Joãosinho, que todos teem passado por imminentes perigos de vida, que muitas lagrimas tem arrancado a seus paes, sendo o principal a mordedura de um cão damnado na 3.ª filhinha, (pois a 2.ª morreu) a 14 de novembro de 1841, da qual milagrosamente escapou: atormentando-me sobre maneira certas coincidencias e fatalidades: — afoga-se o menino, no dia que fazia um anno que a menina mais velha tinha dado uma quéda mortal, — sou accommettido pelo cão damnado juncto a Mirandella, de que resultou a minha quéda e mordedura da mulla, em que ía a cavallo, e vem o cão a distancia de legoa e meia morder a menina! — Por certo que o Céu me tem querido ferir sempre n'aquillo que me é mais charo e sensivel.

Desculpe V. estas mal alinhavadas regras, que só dictou o grande sentimento, que me opprime pela falta do meu innocente filhinho, e que desejarei sirvam de exemplo para que os paes e mães não se poupem em previnir os perigos a que a cada passo estão sugeitas a innocencia e curiosidade indiscreta dos meninos.

Sou de V. assignante e attento venerador
Bernardino José da Costa Alves.

Frechas 24 de junho de 1843.

ESCHOLA POLYTECHNICA.

1999 No dia 31 do passado, fez o director da Eschola Polytechnica a distribuição publica dos premios aos alumnos de todas as cadeiras, que os grangearam. Os seus nomes, quando os obtivermos, serão aqui publicados como bem merecem.

O acto foi sem nenhuma solemnidade. Não houve discurso de encerramento do anno lectivo, segundo é costume, e apenas assistiram tres lentes: — os Srs. Campos — Feyo — Xavier.

Bem mostrou a Eschola que está em casa alheia — isto é, que não tem casa. ¡ E comprazem-se de a assim ver os homens do *Monumento com estatua!*

¿ Não será este mais um poderoso argumento a nosso favor?

Aproveitamos esta occasião para agradecermos ao *Tribuno* o brio, com que na sua folha de segunda-feira 31 de julho, se declarou por nossa parte n'esta pendencia tão importante e nacional, em que a imprensa quasi toda tem guardado um vergonhoso silencio.

MÁCHINA DE CUNHAR DINHEIRO DA CASA DA MOEDA.

(Carta.)

2000 *Sr. Redactor da Revista Universal Lisbonense.* — Rogo a V. o favor de inserir no seu interessante jornal esta resposta á carta que debaixo do mesmo titulo vem a pag. 575 do n.º 46, assignado por *John Norton.* — Declaro primeiramente que na minha conclusão da HISTORIA DAS MÁCHINAS DE VAPOR em nada offendi M. *Norton*, antes lhe fiz o elogio devido dizendo — que elle era o unico dos inglezes, que vieram assentar a máchina, que sabia do seu officio. — Eu fui quem dei as melhores informações, a seu respeito, ao ministro da fazenda, d'onde resultou ser elle preferido ao seu companheiro M. *Penik*, que se achava em logar superior e muito favorecido de M. *Clegg* Junior; mas dando as informações dictas não fiz mais que o meu dever, e tenho muita satisfação de me não ter enganado.

Emfim esta questão é pura e simplesmente sobre a verdadeira força da máchina, e já não versa sobre os estragos que MM. *Cleggs* pae e filho nos fizeram na Casa da Moeda; porque esses são incontestaveis. — M. *Norton* diz que eu me enganei na quadratura da área do pistão e no calculo das forças; vou mostrar-lhe que não. — Quando pela primeira vez examinei a máchina sobredicta, fazendo parte da commissão nomeada pelo governo para o dicto fim, perguntei a M. *Clegg* Junior, qual era o diametro interior do cylindro, elle respondeu-me logo — pl. $24\frac{9}{10}$ (vinte e quatro polegadas e nove decimos) eu tomei nota, que ainda conservo, e por este diametro calculei a área do pistão: queira M. *Norton* ou qualquer leitor curioso repetir o calculo, levando em conta todas as fracções e verá se está ou não exacto. Ora, eu não tinha outro meio de verificar isto; porque a máchina estava trabalhando e o cylindro fechado, acreditei o que me disseram na boa fé, e nunca duvidei d'isto senão agora que vejo dizer M. *Norton*, que o seu verdadeiro diametro é de vinte e duas polegadas, havendo por tanto uma differença de duas e nove decimos: ¿ como se póde conciliar isto?

Ou M. *Clegg* se enganou, ou me quiz enganar, ou me deu em conta o diametro total do mesmo cylindro comprehendendo a grossura do ferro e não o interior, que lhe pedia. Mas fosse o que fosse, este engano era a favor da força da máchina e não contra. Diz M. *Norton*, que eu errei a quadratura da área do pistão por *mais de cem polegadas cubicas!* ... Relevo-lhe facilmente a expressão e grande impropriedade de querer avaliar as áreas de superficie em polegadas cubicas; porque o seu merecimento (que sempre lhe conheci) não é o de geometra; mas tambem se enganou na mes-

ma quadratura relativa a um diametro de 22 polegadas; pois que em rigor é de 380,05 (trezentos e oitenta e cinco centessimos) polegadas quadradas, e mesmo n'este caso não havia o êrro que elle diz. Quanto ao calculo da tenção dynamica do vapor eu segui os principios de mechanica de Mr. *Taffe* e a doctrina que vem a pag. 173 e seguintes; se elles não são exactos é preciso demonstral-o por outros calculos e não por asserções sem prova que nenhum credito merecem.

N'estas máchinas do sistema de M. *Watt* é muito limitada a tensão do vapor e pouco excede a do contrapêso athmospherico; porque a columna de agua do tubo alimentar, que produz este excesso apenas tem acima do nivel da agua da caldeira oito pés, os quaes representam um quarto de athmosphera, ou + 3,75 (tres libras e tres quartos, pêso inglez) sobre cada polegada quadrada ingleza de superficie; por isso acontece tantas vezes saltar fóra do tubo alimentar a agua n'elle contida, assim que o vapor toma uma tensão mais forte. D'esta pequena força temos que descontar a resistencia do vapor no vacuo imperfeito do condensador; pois tem ás vezes uma tensão relativa á temperatura de 40.° F.; a fuga do mesmo vapor por entre as estopadas do pistão, a grande resistencia da bomba de ar, que para formar o vacuo levanta uma columna athmospherica muito pesada; o trabalho da bomba de injecção; os atritos de todos os órgãos mechanicos em movimento, ou seja nos seus munhões, ou nas suas articulações; a força necessaria para vencer os pontos mortos da manivella e os momentos da inercia do balanceiro, e de todo o jogo de vaivém. Eu disse, e repito, que a força d'esta máchina, a força absoluta, é sómente de septe cavallos e um decimo, e a força util de pouco mais de tres e meio, mesmo no supposto de ser o diametro do pistão de vinte e quatro polegadas e nove decimos. — Se com effeito a máchina tem a força absoluta de 16 cavallos, como affirma M. *Norton*, o que representa uma força util de oito, então mostre isso por um calculo preciso, ou faça trabalhar simultaneamente os laminadores (laminando cobre com o preciso aperto), a fieira, os quatro cunhos, os saca-bocados, tornos e sarrilhas; porque para tudo isto bastaria uma força braçal de vinte e nove homens com o movimento de tres pés por segundo, e com o esforço de trinta libras por individuo e por tempo de oito horas de trabalho: a força de vinte e nove homens é equivalente a quatro cavallos e um septimo; logo ainda sobeja a força de quasi quatro cavallos: ponha, como digo, tudo a trabalhar, annuncie isso ao publico, e ficaremos assim desenganados. O que eu disse ácerca das corôas foi passado diante dos meus olhos e do Sr. *Gaspar José Marques* indo alli ambos em commissão: — a primeira rodella foi cunhada com perfeição; a segunda já saíu imperfeita, a terceira fez parar o movimento; os curiosos que pertenderem saber isto podem perguntar-lh'o.

Tem razão M. *Norton* em dizer que elle não é Manuel Norton, mas sim *John Norton*; esse engano ou foi lapso de penna, querendo escrever, como costumo, M. *Norton (Master Norton)* ou êrro da imprensa, não sei o que foi, e fica assim reparado.

Sou de V. etc.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

Lisboa 4 de agosto de 1843.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NO MEZ DE JUNHO DE 1843.

2001 Temperatura media das madrugadas, 56,7° F. (11° R) — dicta nas horas de maior calor, 73,3° (18° e meio) — dicta media do mez 65, (15°) — variação media da temperatura diurna, 16,6 (8) — maior variação do calor diurno, em 11 do mez, 30 (13 e meio) — maior frio, a 5 do mez, 50 (8) — maior calor, a 11 do mez, 85 (23 e meio) — menor altura do barometro, a 2 do mez, 747,8 millimetros — maior idem, a 5 do mez, 763,4 — media do mez 757,1, reduzidas á temperatura de 61° F., que é a media usual do clima de Lisboa.

Ventos dominantes, contados em meios dias. — N,12 — NO,12 — O,4 — SO,26 — NE,2 — SE,1 — B.3.

Estado da athmosphera. — Dias claros 8 — claros e nuvens 6 — cobertos 5 — cobertos, inclusivè quatro de chuviscos inapreciaveis, e clarões, 7 — chuva 4 — nevoeiros 1 — ventosos 13 — de calor notavel 1.

Quadras dominantes foram quatro; a 1.ª de 3 dias frescos, athmosphera coberta, e um dia de chuva copiosa com ventos de SO: a 2.ª de 15 dias frescos, apparecendo sómente calmoso o dia 11, céu quasi sempre coberto, e ventos do N a SO, algumas vezes rijos: a 3.ª de 10 dias frescos, céu coberto, chuvas, e chuviscos alternados, predominando os ventos de SO: a 4.ª e ultima de 2 dias frescos nas madrugadas e tardes, céu claro, e ventos rijos do NO.

Foi por consequencia este mez mui fresco na generalidade, decorrendo a sua temperatura quasi 4 gráus mais fria do que a normal dedazida das antecedentes observações, fazendo-se egualmente notavel pela quantidade de chuva em que abundou, a qual subiu a 29 millimetros, ou quasi 9 almudes por braça quadrada, o que equival ao triplo da chuva regular d'este mez, sempre escasso de aguas no nosso clima, assim como em todos os outros de verão; apparecendo egualmente mui ventoso.

Observações agronómicas. — A notavel frescura do mez, as insolitas chuvas, e principalmente os repetidos chuviscos, parece terem sido desfavoraveis á fructificação das plantas e arvores, que se não teem desinvolvido em proporção ao que indicavam as bellas apparencias da primavéra; e ainda que foram uteis aos cereaes serôdios, principalmente aos milhos, foram porém pouco proveitosas aos temporões. As vinhas e olivaes teem raleado os seus fructos pendentes, e os de pevide ou caroço, tem escasseado, especialmente os pecegueiros, que dão mostras de mui pouca novidade.

Necrologia de Lisboa e Belem. — N'este mez de junho foram sepultados 476 cadaveres, sendo 257 do sexo masculino, e 219 do feminino; maiores 297, e menores 179. — Este mez, o mais saudavel aos moradores d'esta capital, não desmentiu a sua benefica qualidade, offerecendo ainda uma diminuição de 3 obitos sobre o numero normal, deduzido das observações dos annos antecedentes.

M. M. Franzini.

—

Erratas no artigo 1968 do numero 45.

Pag. 563, col. 2.ª, lin. 15 — cobertos excluindo — lêa-se — cobertos incluindo — na mesma col. lin. 24 — queimavam — lêa-se — queimaram.

VINHO.

2002 Na cidade de Coimbra, no dia 15 de julho, recolhendo da caça um embriagado trava-se de razões com sua mulher e apunhala-a. Foi preso no mesmo dia.

«Era homem de baixa esphéra — diz o nosso correspondente — e de educação ainda mais baixa: caçador e bêbado já n'isso tinha para sevícias duas guapas habilitações.»

SITIO ASIAGO.

Copiamos dos *Pobres no Porto* de 19 de julho: —

2003 «Havia no largo da Cruz da regateira uma «casa terrea com sobrado: na parte terrea habitavam «uns individuos, que se occupavam em fazer polvora, «e na superior ou sobrado um pequeno lavrador, que «na occasião do desastre tinha ido com gado para a «feira: pelas 11 horas da manhã do dia de hontem, «houve uma terrivel explosão, cujos resultados foram «os seguintes. A casa voou toda pelo ar, paredes, «traves etc.; tudo juncou o caminho; houve pedras «enormes, lançadas a mais de mil passos; o que ha«via dentro da casa foi totalmente destruido. Uma mu«lher e um homem ficaram debaixo das ruinas muito «maltractados, e d'alli foram tirados e remettidos ao «hospital; a mulher horrendamente desfigurada, mu«tilada foi logo ahi confessada, e parece já mor«reu: o homem muito ferido e queimado, foi condu«zido ao hospital em uma maca e tambem morreu. «Mais dois homens poderam fugir de dentro da casa, «mas depois de lhe ter ardido a roupa, pelo que se «acham bastante feridos.»

«Uma rapariga de 26 annos ía entrando no acto da «explosão; ficou logo morta e horrivelmente mutilada, «fracturados todos os ossos, carbonisado parte do cor«po etc. Estes individuos parece serem os mesmos que «ficaram bem maltractados (ha um mez) em uma ex«plosão de polvora, que teve logar alli proximo no si«tio de Salgueiros; a rapariga morta tinha saído havia «pouco do hospital de curar os ferimentos causados pe«la explosão de Salgueiros, e aonde lhe morreram dois «filhos!!!»

«Foi n'esta casa que ha 3 dias uma mulher de um «trabalhador, a quem costumavam dar ataques apopleti«cos, se chegou ao pé d'um poço que alli ha sem guar«das, e caindo morreu logo afogada na muita altura de «agua que tem o poço. Na mesma casa, ou muito per«to succederam já mais duas mortes violentas, e ha «muito pouco tempo.»

EXEMPLAR DE MÃES.

2004 A mais inaudita carta, que jámais se escreveu, acaba de ser recebida por um cavalheiro, mui conhecido d'esta capital, não só autógrapha senão tambem assignada com o proprio nome da escriptora. «Sr. «— dizia ella substancialmente — a sr.ª D..... «acha-se nas mais tristes circumstancias: a sua unica «riqueza são septe filhas, todas bonitas, e de grande «recato, e honra, de que eu mesma sou testimunha. «Sua mãe está resolvida para acudir ás suas necessi«dades a entregar cada uma d'ellas a uma pessoa ca«paz, pela modica retribuição de quatro moedas; co«meçando pela mais velha que tem 17 annos e seguin«do-se as outras pela sua ordem, para dar tempo ás «mais pequenas de crescerem, etc. Conhecendo eu o «genio de V, , disse á minha amiga, que não dis«puzesse d'ellas sem lhe eu dar parte, por me pare«cer provavel, que V. por uma bagatella de 28 moe«das não deixaria escapar septe boas fortunas d'aquel«las, de que muitos se não gabam de ter achado uma «só em toda a sua vida. Fico esperando a resposta de «V.»

EXEMPLAR DE PAES.

2005 Assiste para as partes de Alcantara um velho viuvo, cujo nome callaremos. Deixou-se este enlaçar nos encantos de uma rapariga, que, fosse qual fosse o motivo, lhe não rejeitou as vassalagens. — Offereceu-se para marido e foi acceito; mas acceito sob condição de que não ficaria no casal mais do que o par afortunado. O primeiro matrimonio havia sido fecundo: a noiva, contente de esperar pelo titulo de mãe, repugnava o de madrasta. Ou os enteados haviam de ser banidos para sempre de sob o tecto paterno, ou ella renunciava para sempre o coração que se lhe offerecia. Luctou a natureza com o amor: — foi mais forte o amor que a natureza.

Tres filhas, cuja maior contaria seus dezesseis annos, a do meio dez, e tres a mais novinha, foram successivamente expulsas da casa do seu berço, da presença do auctor companheiro, e guarda natural de sua existencia, e lançadas solitarias e sem guia para os desertos medonhos d'este mundo.

Á porta de uma casa de gente rica em um bairro afastado, estava, dias depois, sentadinha nas pedras, e sem saber o que fizesse uma menina de tres annos, com rosto de muita fome e muito grande tristeza: — chamada acima e introduzida á presença da dona da casa, quiz a sua estrella, que alli a conduzíra, que lhe caisse em graça. Era a hospedeira sensivel e generosa, a hospedada bonita, innocente e sem ventura. Em taes casos ata-se invisivelmente um vínculo de parentesco subito, não menos forte, não menos duradoiro que os de sangue. Acariciada e interrogada — ¿que informações podia dar de si mesma quem de toda a linguagem humana pouco mais ainda sabia do que os beijos? — disse o seu nome, disse o de seu pae — ¡¡como se a tristinha tivesse um pae!! — Perguntada pelo de sua mãe — disse que se chamava, madrasta. E não disse mais: — não sabia mais nenhuma coisa.

Por uma serie de apparentes casualidades, que seria longo referir, fez a Providencia, que a senhora com a sua protegida descobrisse a irmã mais velha já n'outra casa; e por ella soubesse os horrores que deixamos relatados.

Faltava ainda apparecer uma das tres victimas. A essa nem uma casa em tantos milhares de casas se havia deparado. O lagêdo da arcada do Terreiro-do-Paço era de noite o seu leito; a sua sociedade de dia a dos rapazes vagabundos, que, enxameando como insectos por essas praças e ruas, são pasquim vivo e perpetuo contra a policia, e viveiro fecundo, de que mais tarde se vem a povoar as cadêas, as galés e os degredos. E tambem esta foi colhida pela mão da charidade no meio do despenhadeiro por onde já se ía subvertendo. Ensinae, ensinae a estes tres anjos a supplicar ao céu o perdão de quem para amar lhes preferiu um demonio. Para seu castigo bastam as horas amarguradas, que o aguardam para quando o seu leito de noivo se converter em cama de agonisante.